

FUNGOS ENTOMOPATOGÊNICOS: O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS 30 ANOS?

Michereff Filho, M.; Faria, M.R. de

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, C.P. 02372, Brasília, DF, 70770-900
micher@cenargen.embrapa.br

O primeiro programa brasileiro de controle biológico com fungos entomopatogênicos, em ampla escala, surgiu no início da década de 70, com a liberação do fungo *Metarhizium anisopliae* para controle da cigarrinha da folha da cana-de-açúcar, *Mahanarva posticata*, no Nordeste brasileiro. Nas décadas seguintes ocorreu grande avanço nas pesquisas, ampliando-se o potencial de emprego dos fungos entomopatogênicos no manejo de pragas e o surgimento de inúmeras biofábricas. Atualmente, os fungos *M. anisopliae*, *Beauveria bassiana* e *Lecanicillium* spp. são utilizados como micopesticidas para controle de vários artrópodes, incluindo cigarrinhas, percevejo-de-renda, cochonilhas, besouros e ácaros. Existem várias possibilidades de aplicação dos fungos entomopatogênicos, e em alguns casos, esses agentes microbianos são integrados a outras medidas de controle. Estima-se que 500.000 a 900.000 ha sejam tratados/ano com fungos entomopatogênicos no país. Embora o progresso nas pesquisas e a utilização dos fungos no Brasil tenham sido menores do que o esperado, há expectativa de crescente adoção desses agentes microbianos de controle em razão de nichos de mercado emergentes como a produção integrada de frutas, a agropecuária orgânica, os cultivos protegidos e a expansão do agronegócio da cana-de-açúcar (biocombustível) e da bovinocultura. Existe quantidade considerável de biofábricas e unidades produtoras, porém, a maioria dos produtos comerciais disponíveis no mercado brasileiro tem baixa qualidade, não é padronizada e nem registrada no MAPA. A produção de micopesticidas ainda é feita com baixo nível tecnológico e falta de automação. A eficiência de controle alcançada nem sempre tem correspondido às expectativas dos usuários, tendo como causas principais: o uso de produtos com baixa concentração de estruturas infectivas viáveis; a recomendação de dosagens inadequadas pelos fabricantes; a curta vida de prateleira dos micopesticidas, a adoção incorreta de tecnologias de aplicação e a falta de garantia de índices de controle tão elevados quanto aos alcançados com os pesticidas químicos. Vários desses pontos críticos serão postos à discussão visando estimular propostas e ações inovadoras que permitam avanços tecnológicos na produção, formulação, armazenamento e aplicação de micopesticidas, além de subsidiar sua padronização, tendo como meta a expansão no emprego dos fungos entomopatogênicos na agropecuária brasileira como consequência da maior satisfação dos usuários.